

SMALL CLAUSE

É POP¹

SMALL CLAUSE ES POP

SMALL CLAUSE IS POP

Ao Dermeval da Hora, pela grande contribuição dada à Linguística brasileira

Marcelo Amorim Sibaldo*

Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO: Sempre foi discutido na literatura o *status* categorial das *Small Clauses* (SCs (STOWELL, 1981; MORO 2000 e outros), PrP (BOWERS, 1993), PredP (BAILYN, 2001) etc.) e, já que uma teoria de estrutura de sintagmas exocêntrica pede que Objetos Sintáticos tenham rótulos para que Interpretação Plena os interprete em CI, então é importante perguntarmos qual o rótulo das SCs. O principal objetivo deste artigo é argumentar que o sistema apresentado nos dois artigos recentes, *Problems of Projection*, PoP (CHOMSKY, 2013; 2015), pode explicar morfologia de caso e concordância dentro das SCs interlinguisticamente, discutindo dados do português e do russo. Proponho que, no Sistema de PoP, SCs podem ser rotuladas como ϕ , quando o sujeito e o predicado compartilham estes traços. De outra forma, quando a morfologia do conjunto sujeito-predicado não combina, o sujeito deve ser alçado, a fim de que o traço de caso do predicado seja checado.

PALAVRAS-CHAVE: *Small Clause*. Caso. Traços- ϕ . Rótulo.

RESUMEN: El estado categórico de las *Small Clauses* siempre se discutió en la literatura (SC (STOWELL, 1981; MORO 2000 y otros), PrP (BOWERS, 1993), PredP (BAILYN, 2001) etc.) y, dado que una teoría de estructura de frases exocéntricas pide que los objetos sintáticos tienen rótulo para Interpretación Plena los interprete en CI, por lo que es importante preguntar cuál es la etiqueta de las SC. El objetivo principal de este artículo es argumentar que el sistema presentado en los dos artículos recientes, *Problems of Projection*, PoP (CHOMSKY, 2013, 2015), puede explicar la morfología del caso y el acuerdo dentro de las SCs interlingüísticamente, discutiendo los datos del portugués y ruso. Propongo que, en el sistema PoP, las SCs se puedan etiquetar como ϕ , cuando el sujeto y el predicado comparten estos rasgos. De lo contrario, cuando la morfología del conjunto sujeto-predicado no coincide, el sujeto debe ser elevado, de modo que se verifique el rasgo de caso del predicado.

PALABRAS CLAVE: *Small Clause*. Caso. Rasgos- ϕ . Rótulo.

ABSTRACT: There have always been discussed in the literature the categorial *status* of Small Clauses (SCs (STOWELL, 1981, MORO 2000 and others), PrP (BOWERS, 1993), PredP (BAILYN, 2001), RP (DEN DIKKEN, 2006) etc.) and since an exocentric labeling theory of phrase structure demand that Syntactic Objects have labels to Full Interpretation interpreting them on CI, then it is important to ask what label a SC have. The main goal of this paper is to argue that the system presented in the two recent papers, *Problems of Projection*, PoP (CHOMSKY, 2013, 2015), can explain case and inflectional morphology inside SCs across languages, discussing data from Portuguese and Russian. I propose that, in the PoP system, SCs can be labelled as ϕ , when subject and predicate

¹ Gostaria de agradecer a todos os organizadores do *I Linguística Formal*, em especial, ao Marco Antonio Martins pelo convite e pela paciência. Sou grato, ainda, a Marcel den Dikken, Michelle Sheehan, Ian Roberts, Jairo Nunes e Marco Antonio Martins por comentários e sugestões que fizeram este trabalho ficar melhor. Os erros remanescentes são de minha inteira responsabilidade.

share these features. Otherwise, when subject-predicate case morphology doesn't match, the subject must raise, in order for the case feature of the predicate to be checked.

KEYWORDS: Small Clause. Case. ϕ -features. Label.

1 INTRODUÇÃO

Apesar de ser um tópico de intensos debates, parece haver um consenso que assume que as sentenças que envolvem verbos copulativos sejam geradas na base pelo que ficou conhecido como *Small Clause* (doravante SC), ou seja, uma estrutura formada por um sujeito e um predicado, este selecionando aquele.

Entretanto, dentro do aparato teórico da Gramática Gerativa, muitas são as questões que envolvem o “desenho” das SCs e sobre as quais tratarei aqui, como, por exemplo: existe um núcleo nesses elementos ou sua configuração é “nua”? Existe um rótulo para as SCs? Se sim, qual seria? Essas questões têm seu início no aparato de Regência & Ligação, no modelo endocêntrico da Teoria X-Barra, passando pelo primeiro momento do modelo do Programa Minimalista (PM), na Teoria de *Bare Phrase Structure*, e continuam em uma versão mais recente do PM, em um modelo exocêntrico de objetos sintáticos. Nesta versão, Chomsky, em 2013, publica o texto *Problems of Projection* (PoP) e, em 2015, a continuação deste trabalho *Problems of Projection: Extensions*, propondo que o *merge* mais simples não rotula.

O objetivo deste artigo é, descritivamente, argumentar que a morfologia de caso do russo e a morfologia flexional (traços- ϕ^2) do português podem ter uma explicação unificada nos contextos de SC e, teoricamente, argumentar que uma teoria exocêntrica de rotulação da estrutura frasal (cf. CHOMSKY, 2013, 2015) pode explicar morfologia de caso e morfologia flexional nas SCs, semelhantemente ao que propõe Moro (2000, 2006).

Para fazer esta discussão, este trabalho está dividido em três seções, além desta introdução: na segunda seção, apresentarei o que estou entendendo por *Small Clause* e quais as configurações propostas na literatura para esses objetos sintáticos; na terceira seção, discutirei o papel dos rótulos dos objetos sintáticos, com base no que está nos artigos PoP (CHOMSKY, 2013; 2015); na quarta seção, apresentarei uma proposta de rotulação de SC inserida num modelo exocêntrico para objetos sintáticos; por fim, resumirei o trabalho com algumas considerações finais.

2 SOBRE AS SMALL CLAUSES E CONCORDÂNCIA

Tanto quanto se sabe, o primeiro pesquisador a usar o termo *Small Clause* na literatura gerativista foi Williams (1975) em seu texto intitulado *Small Clause in English*. Este autor, apesar de ter usado o termo *Small Clause* no título do artigo, não retoma a expressão nenhuma vez no texto em si.

As propostas iniciais de *Small Clause* foram feitas com o intuito de discutir sentenças do inglês, cujos verbos terminam em *-ing* (WILLIAMS, 1975), como aquelas em (1), bem como mostrar que todas as projeções sintáticas maiores (S, NP, AP, VP etc.) podem conter uma posição de sujeito (STOWELL, 1981, 1983), como nos mostram as sentenças em (2):

- (1) a. The man **driving the bus** is Norton's best friend.
 o homem dirigir-ing o ônibus é Norton POSS melhor amigo
 “O homem dirigindo o ônibus é o melhor amigo do Norton.”
- b. John decided to leave, **thinking the party was over**.
 John decidiu INF sair pensar-ing a festa era acabada

² Irei adotar aqui como conjunto de traços- ϕ dizendo respeito aos traços de gênero, número e pessoa. Entretanto, ver trabalhos que ampliam essa noção, como os reunidos em Harbour, Adger e Béjar (2008).

“John decidiu sair, pensando que a festa tinha acabado.”

c. **John’s evading his taxes** infuriates me.

John POSS fugir-ing seus impostos enfurece me

“John fugir de seus impostos me enfurece.”

(WILLIAMS, 1975, p. 249, exs. (1)-(3))

(2) a. Alexandra proved [_{AP} the theory [false]].

Alexandra provou a teoria falsa

“Alexandra provou que a teoria é falsa.”

b. I expect [_{PP} that man [off my ship]].

Eu espero aquele homem fora meu navio

“Eu espero que aquele homem esteja fora do meu navio.”

c. Mary had [_{VP} her brother [open the door]]

Mary tinha seu irmão abrir a porta

“Mary teve seu irmão aberto a porta.”

(STOWELL, 1983, p. 297, exs. (24b), (25a), (26a))

A principal diferença entre as teorias de Williams e de Stowell para as SCs reside no fato de que este considera a SC como formando apenas um único constituinte, ao passo que aquele, principalmente em seu texto *Against Small Clause* (WILLIAMS, 1983), considera as SCs não formando um único constituinte. A teoria de Stowell ficou conhecida na literatura como a *Teoria SC*, nela, o AP, o PP e o VP em (2) são SCs e, logo, formam um único constituinte. Já a teoria de Williams ficou conhecida como a *Teoria da Predicação*, para os seguidores desta teoria, o sujeito, por definição, não está contido no mesmo sintagma que contém o predicado, daí o nome *argumento externo* para sujeitos de um modo geral.

Deixando questões maiores para outros trabalhos, adotarei a teoria de Stowell e, assim, assumirei que uma *Small Clause* nada mais é do que uma *predicação* de um predicado sobre seu sujeito. Assim, nos exemplos em (3) abaixo, temos exemplos de SC, base de uma sentença copulativa e, nos exemplos (4), temos o que é considerado na literatura uma SC complemento. Em ambos os exemplos, temos uma SC com um predicado selecionando um sujeito.

(3) a. A Maria está cansada.

b. Os meninos estão cansados.

(4) a. O João considera a Maria uma boa aluna.

b. O João considera os meninos bons alunos.

Além da concordância de gênero e número entre [A Maria] e [cansada/ uma boa aluna] (3a) e (4a), de um lado, e [Os meninos] e [cansados/ bons alunos] (3b) e (4b), de outro, questão de que trataremos mais adiante, outro argumento para se dizer que o predicativo, predicado da SC, é que predica sobre os sujeitos é o fato de que há restrições semânticas em relação ao sujeito, como podemos ver abaixo:

(5) a. *O piso está cansado.

b. *O João considera a pedra uma boa aluna.

Assim, em comparação com as sentenças (3) e (4), os dados em (5) são mal formados, porque o predicado impõe restrições semânticas ao sujeito das copulativas. Em outras palavras: é o predicado que seleciona semanticamente (predica) sobre o sujeito.

Ainda sobre a questão relacionada à concordância morfológicamente visível entre o sujeito e o predicado das SCs, podemos ver, interlinguisticamente, que isso se sustenta tanto em relação à morfologia de caso, quanto à morfologia flexional, como podemos ver nos dados abaixo, em que deve haver concordância:

- (6) a. [Ciceronem clarum] habent. *Latim*
Cicero.ACC famoso.ACC consideram
 “Eles consideram Cícero famoso.”
 (MATUSHANSKY, 2008)
- b. Hún er kennari/ *kennara. *Islandês*
ele é professor.NOM/ professor.ACC
 “Ele é professor.”
 (MALING; SPROUSE, 1995)
- c. *O Pedro considera [a Maria bonito].

Entretanto, um problema emerge quando verificamos que existem diversos dados em diversas línguas em que a não-concordância também é possível:

- (7) a. Ja sčitaju ee lingvistkoj. *Russo*
eu considero ela.ACC uma linguista.INSTR
 “Eu a considero uma linguista.”
- b. Mari pea-b Jaani targa-ks. *Finlandês*
Mari.NOM considera João.PART inteligente.TRIS
 “Maria considera João inteligente.”
 (MATUSHANSKY, 2006)

Como, neste trabalho, iremos focar nas estruturas copulativas, gostaria de apresentar uma questão ainda mais interessante, trazida pelo russo: nessa língua, podemos observar uma assimetria em relação à morfologia de caso, já que, em algumas estruturas copulativas, o predicado pode exibir tanto o caso nominativo quanto o instrumental:

- (8) a. Pu.kin byl velikij poët. *Russo*
Pushkin foi grande poeta.NOM
- b. Pu.kin byl velikim poëtom.
Pushkin foi grande poeta.INSTR
 “Pushkin foi um grande poeta.”

O russo é uma língua em que, tanto quanto se sabe, em sentenças copulativas, podemos omitir a cópula no tempo presente. Entretanto, é pertinente ressaltar que, sem a cópula, somente o caso nominativo no predicado é permitido:

- (9) a. Vera assistent.
Vera assistente.NOM
 “Vera é uma assistente.”
- b. *Vera assistentom.
Vera assistente.INSTR

Uma questão interessante surge quando tentamos comparar os dados sobre morfologia de caso do russo, com os dados sobre morfologia flexional do português, como apresento abaixo:

- (10) a. As meninas estão bonitas.
 b. As meninas são bonitas.
- (11) a. As meninas são o orgulho do pai.

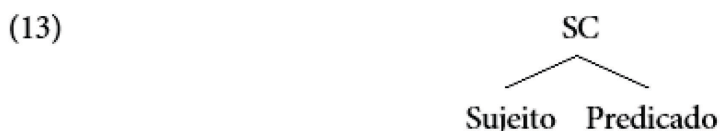
b. *?As meninas estão o orgulho do pai.³

Depois de falarmos sobre os dados, apresentaremos agora como a Gramática Gerativa apresenta, em estrutura arbórea, a configuração das SCs.

De acordo com a literatura corrente, as sentenças copulativas *sempre* contêm uma SC na sua base, porém o inverso não é verdadeiro, uma vez que nem sempre uma SC deriva uma sentença copular, como pudemos observar diante dos dados em (12) abaixo:

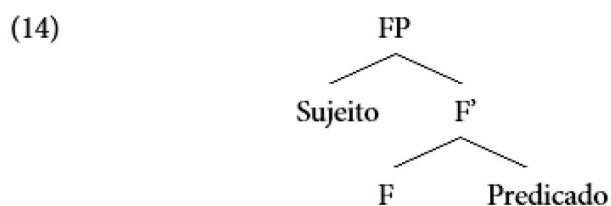
- (12) a. A Maria é bonita.
b. [_{TP} A Maria_i [_T é [_{SC} *t_i* bonita]]]
c. O João considera a Maria bonita.
d. O João considera [_{SC} a Maria bonita]

Na teoria gerativa, atualmente, existem duas propostas configuracionais para acomodar os dados de sentenças como (12a): (i) a *Small Clause* nua (simétrica); e (ii) a *Small Clause* rica (configuracional). (i) é representada como (13) abaixo:



Entre os autores que defendem (i), Moro (2000; 2006) se destaca. De acordo com esse autor, é a estrutura simétrica em (13) que é o gatilho para movimentos sintáticos, e não apenas traços morfológicos, como assume Chomsky (2001), por exemplo. A estrutura de SC em (13), sendo simétrica, viola o *Axioma de Correspondência Linear* (LCA, do inglês *Linear Correspondency Axiom*) de Kayne (1994), o que engatilha o alçamento ou do sujeito ou do predicado para quebrar essa simetria.

Já outros autores, por diversas razões, assumem uma SC rica, como ilustrado em (14) abaixo⁴:



A estrutura em (14) é assumida por diversos autores devido tanto a dados empíricos quanto a questões teóricas⁵ (cf. BOWERS, 1993; CITKO, 2008; CONTRERAS, 1995; GUERÓN; HOEKSTRA, 1995; ADGER; RAMCHAND, 2003; HARVES, 2002; DEN DIKKEN, 2006; entre muitos outros).

Um ponto que deve ser mencionado é que a estrutura (13), como colocada, exibe um grande problema para a teoria X-Barra, que é, na sua essência, endocêntrica. Em outras palavras, o problema reside no fato de que (13) não tem núcleo. Um outro ponto a ser adicionado é que, como podemos observar, tanto em (13) quanto em (14) não há nenhum *status* categorial da SC. Existe algum *status* categorial nas SCs com o qual a computação sintática pode manipular? Alguns autores que assumem uma SC configuracional

³ Alguns falantes do português me disseram que esta frase pode ser boa em alguns contextos específicos, talvez motivados por efeitos de *coerção* (ver MOLINA, 2008). Além disso, no meu entender, esses contextos são sempre tomando o “estar” como um auxiliar-aspectual e não como cópula “verdadeira”, desencadeando a leitura “As meninas estão *sendo* o orgulho do pai”, em que a cópula “verdadeira”, *ser*, aparece.

⁴ F está para uma categoria funcional qualquer.

⁵ Por questão de espaço, não entrarei em detalhes aqui.

tem nomeado de diversas formas: AgrP (STOWELL, 1981, 1983; MORO, 1988)⁶; PrP (BOWERS, 1993); PredP (BAILYN, 2001); RP (DEN DIKKEN, 2006), entre outros.

Uma questão que também se coloca agora é: será que há a necessidade de rótulo para um sistema computacional? Collins (2002, p. 42) assume que não há necessidade de rótulos para o sistema computacional: “[...] os rótulos das categorias frasais (e.g. VP *versus* NP) não são necessários na teoria sintática.”⁷

Entretanto, Chomsky, em uma comunicação pessoal publicada em Fry (2013), argumenta que os rótulos são necessários para interpretação:⁸

- (15) The book John read
 a. [DP [the book] [CP op C [TP John read <op>]]]
 b. [CP C [FocP [the book] Foc [TP John read <the book>]]]

Como se sabe, “the book”, no dado em (15), pode ser interpretado, em inglês, como um DP que pode ser relativizado como em (15a), ou pode ser interpretado como um foco, como em (15b). Essa interpretação é dada pelo sistema através dos rótulos. Essa é a argumentação que trarei para a minha análise de SCs e para os dados de sentenças copulativas do português e do russo.

Na próxima seção, discorrei um pouco sobre os postulados de PoP (CHOMSKY, 2013, 2015), uma teoria exocêntrica de rotulação de objetos sintáticos, que pede que estes sejam rotulados para que o *Princípio de Interpretação Plena* os interprete na interface Conceitual-Intencional. Na seção subsequente, aplicarei esses postulados aos dados do russo e do português, tentando unificar morfologia de caso e flexional, como já vem sendo feito robustamente na teoria gerativa.

3 ROTULANDO OBJETOS SINTÁTICOS

Chomsky (2013, 2015) traz uma proposta interessante sobre a operação concatenar (*Merge*) da linguística teórica. Uma pergunta que se faz é, quando um objeto sintático (doravante OS) é concatenado a outro, como o sistema sabe qual é o rótulo desse novo objeto que é formado? Chomsky propõe que os OSs são construídos a partir de *Concatenação* e um Algoritmo de Rotulação, que atribui o traço “rótulo” aos núcleos que são rotulados, para isso, propõe uma teoria *exocêntrica* para os OS (diferentemente da endocentricidade de X-Barra).

Assim, o que Chomsky assume é que os rótulos vão sendo colocados no curso da derivação, assim, quando dois objetos sintáticos são concatenados através de *merge*, nenhum rótulo é adicionado a esse novo nó criado. O que rotula esse nó é o que Chomsky (2015, p. 3) chama de Algoritmo de Rotulação (*Labeling Algorithm* -LA), “um caso especial de procura mínima (como *Agree*), que se enquadra na computação mínima”⁹. A rotulação seria, então, um traço “rótulo” aos núcleos que são rotulados. Um ponto importante para ser destacado é o de que a rotulação não produz uma nova categoria, mas o objeto sintático deve ser rotulado para ser interpretado na interface conceitual-intencional (CI), de outra forma ele viola o *Princípio de Interpretação Plena* (cf. EPSTEIN; KITAHARA; SEELY, 2014).

Chomsky (2015, p. 7) apresenta os três contextos que desencadeiam as três possibilidades de rotulação:

⁶ A ideia por trás desse rótulo (*Agr(ement)* do inglês *concordância*) tem a ver com o fato de, em algumas construções, haver obrigação de o sujeito e o predicado das SCs concordarem morfologicamente, como vimos anteriormente. Entretanto, como também vimos anteriormente, nem sempre a concordância é desencadeada e, por isso, esse rótulo deixou de ser usado.

⁷ Minha tradução. No original: “[...] the labels of phrasal categories (e.g. VP *versus* NP) are not needed in syntactic theory”

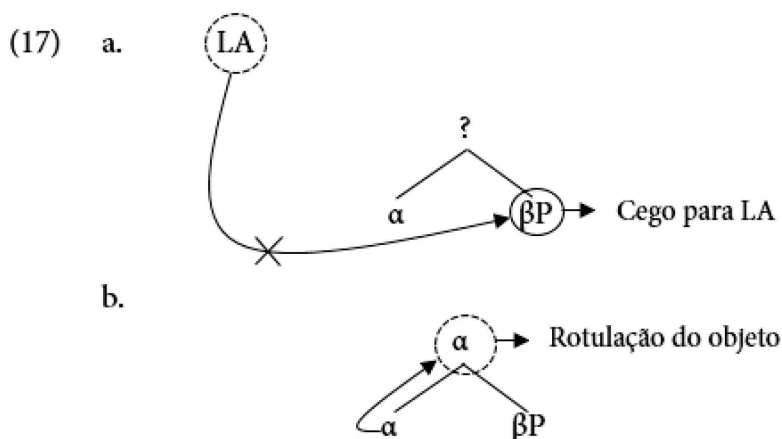
⁸ Nesse exemplo, seguindo Fry (2013), as cópias são sinalizadas por chaves curvadas <, >. Nos outros dados deste artigo, as cópias serão sinalizadas ou como tradicionalmente com um *t* (do inglês *trace*, vestígio) ou por uma fonte “**contornada**”.

⁹ Minha tradução. No original: Labeling algorithm (LA) = “a special case of minimal search (like *Agree*), which in turn falls under [Minimal Computation]”.

- (16) a. {H, β P}
 b. { α P, β P}
 c. { α , β }

Os contextos em (16) são: em (16a), o *merge* de um núcleo com um sintagma; em (16b), o *merge* de dois sintagmas; e, em (16c), o *merge* de dois núcleos. Para os propósitos deste artigo, discutiremos (16 a e b)¹⁰.

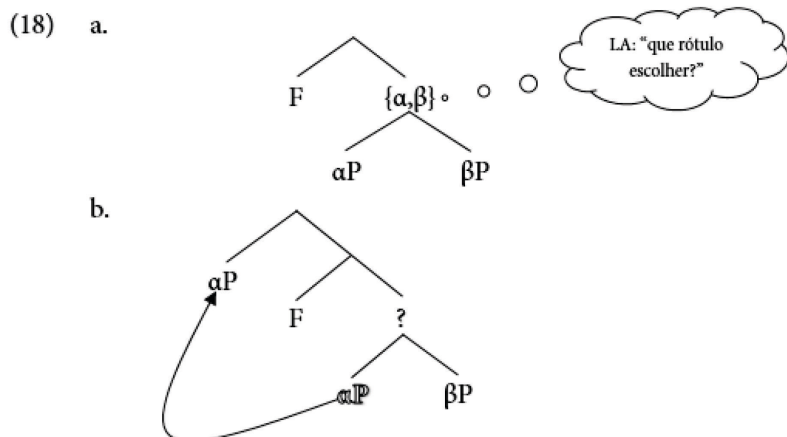
Para Chomsky (2015, p. 7), a rotulação de (16a), concatenação de um núcleo com um sintagma, é “trivial”, uma vez que, como o núcleo é um item lexical, ele deixa disponível para as interfaces o que importa, ou seja, seu traço categorial; por outro lado, o sistema não consegue ler da mesma forma um sintagma, por ser um *conjunto* de outros traços. Assim, para (16a), o rótulo é sempre o núcleo:



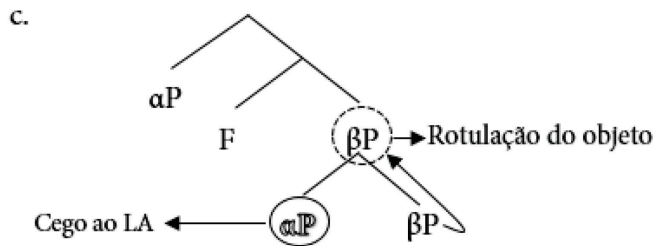
Dessa forma, Chomsky propõe que o algoritmo de rotulação (LA) procura rotular os nós sem rótulo para que eles sejam interpretados na interface CI e, assim, cumpram o *Princípio de Interpretação Plena*. Por ser mais “simples”, o nó em questão, no caso (17a), é rotulado como o núcleo, por ser identificado com mais rapidez por LA. Assim, o sistema não vê nenhuma ambiguidade nessa rotulação.

Já no que concerne ao processo de rotulação em (16b), ou seja, a rotulação de dois sintagmas, duas possibilidades emergem, já que o sistema pode ver, da mesma forma, o conjunto tanto de α quanto de β .

No primeiro cenário, Chomsky propõe que há uma modificação do objeto sintático, no sentido de que um dos objetos sintáticos deve se mover, a fim de dar visibilidade ao algoritmo de rotulação ao OS que ficou *in situ* e, assim, rotular o nó recém-criado com a concatenação deste OS. Essa rotulação acontece mais ou menos da forma desenhada nos exemplos abaixo:

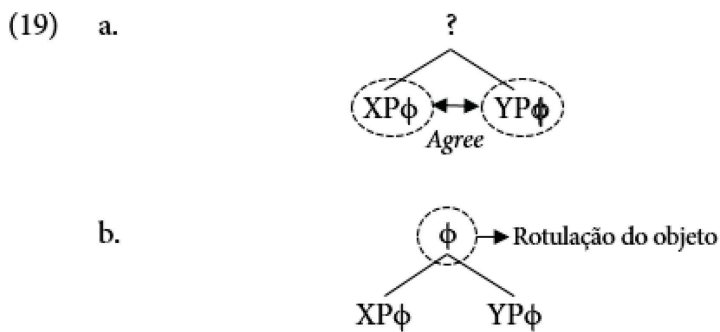


¹⁰ Entretanto, indico ao leitor o trabalho de Saito (2013), para se ver a rotulação quando a concatenação envolve dois núcleos.



Como vemos em (18a), o algoritmo fica sem entender qual rótulo deve escolher para o nó recém-criado e, se nenhum dos sintagmas se mover, não há rotulação e a derivação fracassa. (18b) mostra que um dos conjuntos (αP) é alçado, deixando o LA ver somente o sintagma que fica *in situ* (βP), cujos traços são espreadados para o nó e, então, LA rotula como βP o nó mais baixo (cf. 18c). Nesse cenário, a subida de um dos sintagmas é obrigatória e deve anteceder a rotulação.

No segundo cenário, para rotulação do nó resultante da concatenação de dois sintagmas, Chomsky propõe que, se os dois objetos sintáticos podem compartilhar um traço relevante¹¹, então não há nenhuma necessidade de movimento e o rótulo desse novo nó criado deve ser ϕ , para indicar a concordância. Vejamos o passo-a-passo abaixo:



Em (19a), com a concatenação de dois objetos sintáticos, nesse caso, dois sintagmas, o sistema tenta encontrar uma forma de rotular o nó que acabou de se formar. Esses dois objetos sintáticos partilham traços semelhantes, representado em (19) por ϕ . Assim como no sistema de Chomsky (2001), um desses sintagmas, digamos XP, possui a versão interpretável desse conjunto de traços- ϕ e o outro sintagma, YP, possui a versão não-interpretável. Com o *match* desses dois conjuntos de traços- ϕ , *Agree* acontece e o algoritmo rotula esse nó como ϕ , exatamente como está em (19b) e, agora, esse objeto sintático pode ser interpretado na interface Conceitual-Intencional, obedecendo o princípio de Interpretação Plena.

Agora que apresentei brevemente o arcabouço teórico a ser utilizado na análise das *Small Clauses* do russo e do português, vamos aos dados.

4 O PROBLEMA DE PROJEÇÃO DAS *SMALL CLAUSES*

Para começar esta seção, vamos considerar a sentença abaixo:

(20) João considera [_{SC} a Maria bonita].

Para derivá-la, como o sistema rotula a SC de (20)? Em outras palavras, qual seria o próximo passo após (21)?

¹¹ Para Chomsky (2015), o importante é que os sintagmas compartilhem os traços relevantes para que o rótulo seja dado. Além de ϕ , Chomsky propõe que o mesmo acontece com o compartilhamento do traço Q, nas interrogativas, por exemplo.

- (21) a. Merge(DP,AP) → {_{DP} a Maria, _{AP} bonita}
 b. {_? {_{DP} a Maria, _{AP} bonita}}

Retomando o que apresentamos na seção anterior, lembro que, em um objeto sintático {XP, YP}, o algoritmo de rotulação (LA) pode ver ambos os traços categoriais de (21), nomeadamente D e A, respectivamente. Então, de acordo com o que foi discutido acima, duas possibilidades aparecem: (i) ou há uma modificação do objeto sintático e um dos elementos se move para que LA possa “ver” o rótulo do objeto que ficou *in situ* e rotular o novo nó criado; (ii) ou D e A compartilham um traço relevante (Q ou ϕ) e, assim, esse traço pode ficar como rótulo do nó da SC.

Assim, baseado na ideia de PoP de rotulação por identidade de traços- ϕ , que Chomsky assume para outros contextos sintáticos como (22) e (23), é razoável propor que (24) acontece nas SCs, já que DP e AP compartilham esses traços¹².

(22) [_? DP_{i ϕ} [TP_{u ϕ}]] → [_{ϕ} DP_{i ϕ} [TP_{u ϕ}]]

(23) [_? DP_{i ϕ} [AP_{u ϕ}]] → [_{ϕ} DP_{i ϕ} [AP_{u ϕ}]]

- (24) a. João considera [_{SC} [_{DP} a Maria] [_{AP} bonita]]
 b. João considera [_{ϕ} [_{DP} a Maria] [_{AP} bonita]]

Perceba que, *grosso modo*, essa ideia parece com aquela levantada, nos anos 80, por Stowell (1981, 1983) e Moro (1988), que postulam o rótulo das SCs como sendo AgrP. A proposta de rotulação como ϕ parece contemplar os fatos do português, que não permite não-compatibilidade de traços- ϕ nos contextos de SC complemento (cf. (25a)) e como dados apresentados acima como os do latim, em relação à morfologia de caso (cf. (25b)), e do islandês, nas sentenças copulativas (cf. (25c)):

- (25) a. *O Pedro considera [_{SC} a Maria bonito].
 b. Ciceronem clarum habent.
Cicero.ACC famoso.ACC considera
 “Eles consideram Cícero famoso.”
 c. Hún er kennari/ *kennara.
Ele é professor.NOM/ professor.ACC
 “Ele é um professor.”
 (MALING; SPROUSE, 1995)

Entretanto, como vimos na seção anterior, a proposta de rotular *todas* as SCs como ϕ não dá conta de muitos outros dados em que há incompatibilidade de traços. Acerca dessa questão, irei agora focar nos dados do português e do russo.

Começarei a explorar os dados do russo e das sentenças copulativas. Nessa língua, como mostrado anteriormente, podemos ver a seguinte assimetria:

- (26) a. Pu.kin byl velikij poët. Russo
Pushkin foi grande poeta.NOM
 b. Pu.kin byl velikim poëtom.
Pushkin foi grande poeta.INSTR
 “Pushkin foi um grande poeta.”
 (MATUSHANSKY, 2008)

¹² As letras “u” e “i” acompanhadas do ϕ subscrito dizem respeito à não-interpretabilidade e interpretabilidade desses traços, respectivamente, o que faz ambos os sintagmas (DP e AP) estarem aptos para entrarem em relação *Agree* e concordarem (ver CHOMSKY, 2001).

- (27) a. Vera assistent. Russo
Vera assistente.NOM
 “Vera é uma assistente.”
 b. *Vera assistentom.
Vera assistente.INSTR
 (MATUSHANSKY, 2008)

Como discutido anteriormente, podemos ver uma assimetria na marcação de caso morfológico quando a cópula não está presente, em (27), diferentemente de (26). O que é interessante pontuar é que os falantes de russo percebem uma diferença de interpretação quando o predicado é marcado com o caso nominativo e quanto o predicado é marcado com o caso instrumental. Vejamos os dados abaixo:

- (28) a. Ivan byl xrabryj soldat.
Ivan foi bravo.NOM soldado.NOM
 “Ivan foi um bravo soldado.”
 b. Ivan byl xrabrym soldatom.
Ivan foi bravo.INSTR soldado.INSTR
 “Ivan foi um bravo soldado.”
 (PERELTSVAIG, 2001, p. 98)

Para Pereltsvaig (2001, p. 98), existe uma diferença no significado no par em (28): enquanto que a marcação de nominativo, em (28a), atribui uma interpretação de propriedade permanente (nível individual) para o predicado, a marcação de instrumental, em (28b) atribui uma interpretação de uma propriedade temporal (nível de estágio).

É interessante pontuar que essa distinção já é bastante conhecida na literatura em relação ao tipo de cópula do português, *ser* ou *estar*, como podemos ver abaixo:

- (29) a. As meninas são bonitas.
 b. As meninas estão bonitas.

Semelhantemente aos dados do russo em (28), em português, o verbo *ser*, em (29a), desencadeia uma leitura de uma característica *permanente* às meninas de serem bonitas; já em (29b), o verbo *estar* desencadeia uma leitura de uma propriedade transitória. Uma questão interessante que acontece em português é que podemos também ter uma assimetria como em (27) do russo:

- (30) a. [_{gen: fem/ num: pl} As meninas] *são* [_{gen: masc/ num: sg} o orgulho do pai].
 b. *? [_{gen: fem/ num: pl} As meninas] *estão* [_{gen: masc/ num: sg} o orgulho do pai].

De uma forma geral, parece que os traços de *gênero* e *número* do sujeito e do predicado das SCs podem *não concordar* com o verbo *ser*, ao passo que, com o verbo *estar*, a concordância é quase sempre obrigatória¹³. Veja o próprio exemplo em (30), em sentenças equativas, em que (30a) é uma sentença boa, enquanto (30b), com *mismatch* de gênero entre o sujeito e o predicado das SCs, não. Além disso, no português, conforme apontado por Foltran e Rodrigues (2013), podemos ter somente com a cópula *ser*, o que ficou conhecido na literatura como “sentenças panquecas”, sentenças copulativas predicacionais (usando a tipologia de Higgins 1976) que não exibem concordância de gênero e/ou número entre o sujeito e o predicado, como nos mostra o contraste abaixo:

- (31) a. Alunas que bebem é chato.

¹³ Ver nota 3.

b. Crianças é divertido.

(32) a. *Alunas que bebem está chato.

b. *Crianças está divertido.

(FOLTRAN; RODRIGUES, 2013, p. 287)

Podemos ter, ainda, em português, uma cliticização do predicativo, mas, novamente, somente com o verbo *ser*:

(33) a. A Maria o é.

b. *A Maria o está.

Uma questão que se faz interessante agora é perguntar o que será que diferencia o *ser* do *estar* no português e que pode nos dar alguma pista no sentido de se entender essas assimetrias apontadas acima. Uma possível indicação talvez venha do estudo de Gallego e Uriagereka (2016) que, de certa forma, resgatam o estudo de Benveniste (1966) e de tantos outros (URIAGEREKA, 2001; ZAGONA, 2008; BRUCART, 2010), no sentido de apontar que a seleção de *ser* parece ser mais básica do que a de *estar* (p. 124). Em outras palavras, *estar* parece ser resultado de uma incorporação da cópula *ser* mais um elemento (talvez de natureza preposicional, os autores argumentam), como explicitado abaixo:

(34) *Estar* = *ser* + X

Trarei duas evidências empíricas que Gallego e Uriagereka (2016, p. 129) discutem e que podem ser importantes na análise que empreenderei mais adiante. O primeiro caso diz respeito aos locativos com “estar”:

(35) a. Is John *(there)?

b. O João está (aí)?

Comparando o português com o inglês, língua que só possui uma cópula, *be*, observamos que, em estruturas locativas, a presença do locativo “there” é obrigatório em inglês, mas opcional em português, o que parece sugerir que, em português, *estar* já traz consigo a preposição locativa incorporada e, por isso, não é necessária a presença do locativo.

Um segundo conjunto de dados que aponta para o que irei propor mais na frente e que é trazido por Gallego e Uriagereka (2016, p. 130) tem a ver com (36):

(36) a. A dívida está sendo negociada. ESTAR >> SER

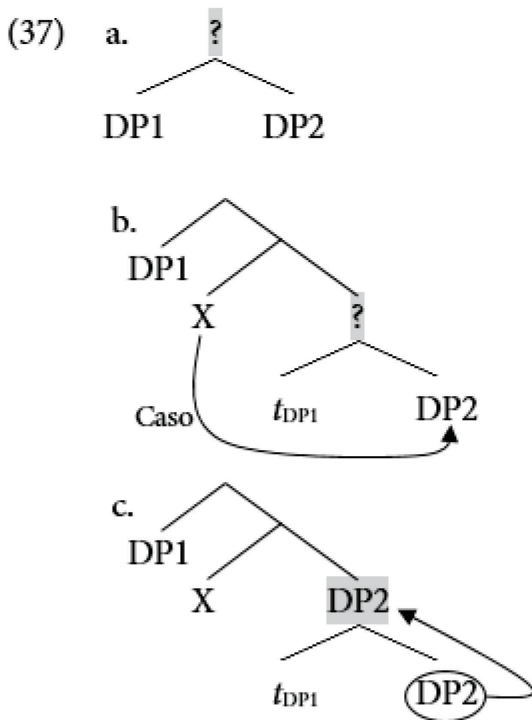
b. *A dívida é estando negociada. SER >> ESTAR

O que os dados sugerem é que o verbo *estar* parece ser derivado numa posição mais alta do que o verbo *ser*.

Feitas essas discussões, veremos como a teoria da rotulação de Chomsky (2013; 2015) nos ajuda a entender o que acontece em relação à morfologia flexional e de caso nas línguas naturais.

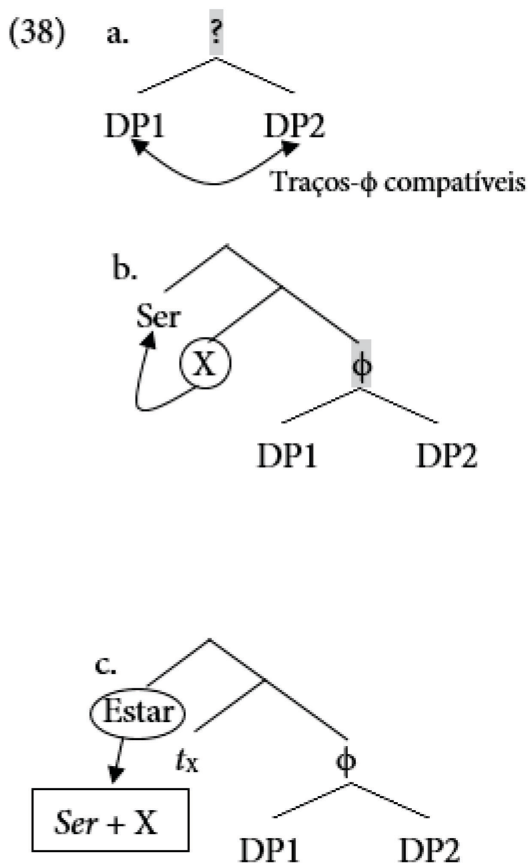
- *1º cenário*: DPs sem compartilhamento de traços

No cenário em que há uma incompatibilidade de traços, ou seja, em que os DPs da SC não concordam, como nas sentenças com o verbo *ser*, por exemplo, como na teoria de Chomsky exposta anteriormente, um dos DPs devem ser alçados, deixando um elemento X (possivelmente uma preposição) checar o caso do DP que fica (cf. (37b)). Como um dos DPs foi alçado, o algoritmo de rotulação só vê o rótulo do DP que ficou e o nó da SC é rotulado como esse sintagma que ficou *in situ* (cf. (37c)).



- 2º cenário: DPs compartilham traços

Quando os DPs da SC compartilham os traços relevantes (Q ou ϕ , de acordo com Chomsky), *Agree* acontece e, assim, o algoritmo de rotação rotula o nó da SC como ϕ (cf. (38b)). Como o elemento com valor preposicional, X, não foi usado para checar Caso, já que *Agree* dá conta dessa questão, X se incorpora à cópula *ser*, derivando *estar*.



Os dois cenários apresentados acima explicam, por exemplo, por que (27b), repetido abaixo como (39b), é agramatical:

- (39) a. Vera assistent. *Russo*
Vera assistente.NOM
“Vera é uma assistente.”
b. *Vera assistentom.
Vera assistente.INSTR
(MATUSHANSKY, 2008)

De acordo com nossa análise, (39a) é gramatical porque os elementos compartilham a mesma morfologia de caso e, por *Agree*, a rotulação com ϕ acontece. (39b) é agramatical porque o sujeito e o predicado não compartilham o morfema de caso e, assim, não há compatibilidade de traço, como nem o sujeito nem o predicado é alçado e ficam internamente à SC, a rotulação não acontece e a estrutura fracassa na interface conceitual-intencional.

O sistema que desenhamos acima prediz que, caso haja algum elemento intervindo entre o sujeito e o predicado de uma sentença copulativa¹⁴, mesmo que não haja morfologia de caso compatível, a sentença é gramatical, uma vez que um dos DPs pode ter sido alçado da SC e, assim, o sistema ter rotulado o nó SC com o DP que permaneceu *in situ*. Isso é exatamente o que acontece quando acrescentamos um locativo intervindo entre o sujeito e o predicado, com morfemas de caso diferentes, numa copulativa do russo:

- (40) Saša **zdes'** studentom
Sasha.NOM aqui estudante.INSTR
“Sasha é um estudante aqui.”
(BAILYN; RUBIN, 1991)

Em (40), de acordo com o sistema que propomos aqui, como os morfemas de caso do sujeito e do predicado da SC não são compatíveis, o sujeito é alçado para que o algoritmo de rotulação possa rotular a SC com o sintagma *in situ* e, por isso, é uma sentença bem-formada.

Voltando aos casos do português: podemos explicar o porquê de o verbo *estar* também poder selecionar um NP como predicado, mas, como não desencadeia concordância com o sujeito e o elemento preposicional já foi incorporado à cópula para formar o item *estar*, é necessário que uma preposição apareça na superfície para checar o Caso desse nominal que aparece *in situ*. É exatamente o que se tem em (41), em que a preposição *de* é realizada para marcar o Caso de *coordenador*.

- (41) João está *de* coordenador.

Para finalizar, gostaria de mostrar evidência independente no português, para o sistema que apresento aqui. Se minha proposta estiver no caminho correto, em NPs com um modificador adjetival que concorda com o núcleo, como em (42a e b) abaixo, a falta de concordância pode existir, se uma preposição intervir, exatamente como acontece em (42a' e b'):

¹⁴ Neste momento, estamos considerando apenas as copulativas, pois, como vimos anteriormente, se formos levar em consideração as SCs complementos, podemos verificar uma não compatibilidade de morfologia de caso no russo, por exemplo. Entretanto, essa questão careceria de uma maior discussão que, por conta de espaço, não faremos aqui.

- (42) a. [NP Amor materno] (**amor materna*)
 $\begin{matrix} \text{G: m} & \text{G: m} \\ \text{N: sg} & \text{N: sg} \end{matrix}$
- a'. [NP Amor de mãe]
 $\begin{matrix} \text{G: m} & \text{G: f} \\ \text{N: sg} & \text{N: sg} \end{matrix}$
- b. [NP Problemas estomacais] (**problemas estômago*)
 $\begin{matrix} \text{G: f} & \text{G: f} \\ \text{N: pl} & \text{N: pl} \end{matrix}$
- b'. [NP Problemas de estômago]
 $\begin{matrix} \text{G: f} & \text{G: m} \\ \text{N: pl} & \text{N: sg} \end{matrix}$

Como os dados acima mostram, nos casos em que a gramática tradicional chama de “locuções adjetivas”, quando não há uma preposição intervindo entre um nome e um adjetivo (como em “amor materno” e “problemas estomacais”, por exemplo), os traços de gênero e número são compartilhados entre N e A, de outra forma, uma preposição é inserida e a não-concordância pode acontecer, (cf. (42a’), em que não há concordância no traço de gênero, e (42b’), em que não há concordância de gênero e número). Este último caso é interpretado, na proposta que desenvolvemos aqui, como a sinalização do sistema de que há uma falta de concordância entre os elementos desse sintagma, assim, a preposição é inserida para checar o Caso do elemento *in situ*. Diferente de outras propostas, não é a preposição que “barra” a concordância, como modelos anteriores ao de rotulação propõem, mas ela está lá como um “aviso” do sistema de que foi preciso inseri-la para a boa formação daquela estrutura, a fim de que os objetos sintáticos sejam devidamente rotulados e possam ser interpretados na interface Conceptual-Intencional.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como visto brevemente neste artigo, eu tentativamente argumentei a favor de uma teoria exocêntrica de rotulação de estruturas sintáticas (CHOMSKY, 2013, 2015), em que *Merge* não adiciona rótulos, para unificar a análise de morfologia casual e flexional entre o russo e o português nas *Small Clauses*, como é feito em modelos teóricos anteriores e parece ser um *desideratum* da teoria desde, pelo menos, Chomsky (2000), que unifica Caso-Concordância como um conjunto.

Argumentei ainda que as preposições, diferentes de modelos anteriores, podem ser vistas como a “sinalização” do sistema de uma não-compatibilidade de traços entre objetos sintáticos.

REFERÊNCIAS

- ADGER, D.; RAMCHAND, G. Predication and equation. *Linguistic Inquiry*, v. 34, n. 3, p. 325-359, 2003.
- BAILY, J. The syntax of slaviv predicate case. *ZAS Occasional Papers in Linguistics*, Berlin, 2001. p. 1-26.
- BAILY, J.; RUBIN, E. J. The unification of Instrumental case assignment in Russian. In: TORIBIO, A.; HERBERT, W. (ed.). *Cornell Working Papers in Linguistics*, v. 9, , Ithaca, New York: Department of Modern Languages and Linguistics, Cornell University, 1991. p. 99-126.
- BENVENISTE, E. “Ser” e “Ter” nas suas Funções Lingüísticas. In: BENVENISTE, E. (org.). *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966. p. 204-227.
- BOWERS, J. The syntax of predication. *Linguistic Inquiry*, v. 24, p. 591-656, 1993.

- BRUCART, J. M. La alternancia ser/estar y las construcciones atributivas de localización. *In*: AVELLANA, A. (ed.). *Actas del V Encuentro de Gramática Generativa*. Maestría en Lingüística, Universidad Nacional del Comahue, 2010. p. 115-152
- CHOMSKY, N. Minimalist inquires: the framework. *In*: MARTIN, R; MICHAEL, D; URIAGEREKA, J. (eds.). *Step-by-Step: Essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Cambridge, MA: The MIT Press, 2000. p. 89-155.
- CHOMSKY, N. Derivation by phase. *In*: KENSTOWICZ, M. (ed.). *Ken Hale: a life in language*. Cambridge, Mass: MIT Press, 2001. p. 1-52.
- CHOMSKY, N. Problems of projection. *Lingua*, v. 130, p. 33-49, 2013.
- CHOMSKY, N. Problems of projection: extensions. *In*: DI DOMENICO, E.; HAMANN, C.; MATTEINI, S. (ed.). *Structures, strategies and beyond*. Amsterdã/Filadelfia: Benjamins, 2015. p. 1-16.
- CITKO, B. Small clauses reconsidered: Not so small and not all alike. *Lingua*, v. 118, p. 261-295, 2008.
- COLLINS, C. Eliminating labels. *In*: EPSTEIN, S. D.; SEELY, T. D. (ed.). *Derivation and explanation in the minimalist program*. Malden, Mass.: Blackwell, 2002. p. 42-64.
- CONTRERAS, H. Small clauses and complex predicates. *In*: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (ed.). *Syntax and semantics: small clauses*. v. 28. California: Academic Press, 1995. p. 135-152.
- DEN DIKKEN, M. *Relators and linkers: The syntax of predication, predicate inversion, and copulas*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2006.
- EPSTEIN, S D., KITAHARA, H; SEELY, D. Labeling by minimal search: Implications for successive cyclic A-movement and the elimination of the postulate "phase". *Linguistic Inquiry*, v.45, p. 463-481, 2014.
- FOLTRAN, M J D. G.; RODRIGUES, P A. On denoting abstract entities. *Revista da ABRALIN*, v. 12, p. 269-291, 2013.
- FRY, B. Some notes on Chomsky 2013. *Handout*, 2013.
- GALLEGO, Á J.; URIEGEREKA, J. Estar = Ser + X. *Borealis. An International Journal of Hispanic Linguistics*, v. 5, n.11, p. 123-156, 2016.
- GALVES, C. *Ensaio sobre as gramáticas do português*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.
- GUÉRON, J.; HOEKSTRA, T. The temporal interpretation of predication. *In*: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (ed.). *Syntax and semantics: small clauses*. v. 28. Califórnia: Academic Press, 1995. p. 77-107.
- HARBOUR, D.; ADGER, D.; BÉJAR, S. *Phi-Theory*. Oxford: Oxford, 2008.
- HARVES, S. Where have all the phases gone? (non-)defective categories and case alternations in russian. *In*: TOMAN, J. (ed.). *Formal approaches to slavic linguistics: The Second Ann Arbor Meeting*. Ann Arbor: Michigan Slavic Publications, 2002. p. 97-118.
- HIGGINS, F. R. *The pseudo-cleft construction in english*. 1976. 362 f. PhD Dissertation, Indiana University Linguistics Club, Indiana, 1976.

- KAYNE, R. S. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1994.
- MALING, J; SPROUSE, R. A. Structural case, specifier-head relations, and the case of predicate NPs. In: HAIDER, Hubert; OLSEN, S.; VKNER, S. (ed.). *Studies in comparative germanic syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1995. p. 167-186.
- MATUSHANSKY, O. Predication: a case study. In: MARUŠIČ, F.; ŽAUCER, R. (eds.). *Studies in Formal Slavic Linguistics. Contributions from Formal Description of Slavic Languages 6.5*. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2006. p. 213-239.
- MATUSHANSKY, O. Some cases of Russian. *Formal Description of Slavic Languages (FDSL) Moscow*, v.7, n. 5, dec. 6-8, 2008.
- MOLINA, S. G. Sobre las diferencias entre ser y estar. El tipo de predicado y el tipo de sujeto. *Redele*, n. 13, jun. 2008.
- MORO, A. Per una teoria unificata delle frasi copulari. *Rivista di Grammatica Generativa*, v. 13, p. 81-110, 1988.
- MORO, A. *Dynamic antisymmetry*, Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2000.
- MORO, A. *Some notes on unstable structures*. Ms., Università San Raffaele di Milano, 2006.
- PERELTSVAIG, A. *Copular sentences in Russian*. Dordrecht: Springer, 2007.
- SAITO, M. *Case and labeling in a language without ϕ -feature agreement*. Ms. Nanzan University, 2013.
- STOWELL, T. *Origins of phrase structure*. 1981. 496 f. Ph.D. Dissertation, MIT, Massachusetts, 1981.
- STOWELL, T. Subjects across categories. *The Linguistic Review*, n. 2, p. 285-312, 1983.
- URIAGEREKA, J. "Adjectival Clues," keynote speech at Acquisition of Spanish & Portuguese. In: HISPANIC LINGUISTICS SYMPOSIUM, 2001, Illinois. University of Illinois at Urbana-Champaign (USA). *Anais...* Illinois, 2001. p. 11-14.
- WILLIAMS, E. Small Clauses in English. In: KIMBALL, J. *Syntax and semantics*. v. 4. New York: Academic Press, 1975. p. 249-273.
- WILLIAMS, E. Against small clauses. *Linguistic Inquiry*, 14, p. 287-308, 1983.
- ZAGONA, K. Ser and estar differ in both structure and aspectual features. *Plenary talk given at Chronos 8*. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON TENSE, ASPECT, MOOD, AND MODALITY, 2008, Austin. University of Texas. *Anais...*, Austin, 2008.



Recebido em 20/03/2020. Aceito em 27/03/2020.